



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO ROXO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Da teoria à imagem: Miss Bixe e o audiovisual como experiência de divulgação científica e cultural das dissidências de gênero

Euler Iago Meneghin de Souza¹
Otávio Ítalo Matos Uzumaki²

As universidades públicas constituem espaços de referência na produção e circulação do conhecimento científico, mas nem sempre os saberes produzidos por estas instituições alcançam o público para além da academia. Em temas relacionados às dissidências de gênero e sexualidade, essa distância torna-se ainda mais evidente, uma vez que debates desenvolvidos por diferentes áreas das ciências humanas frequentemente permanecem restritos à circulação de artigos, livros e eventos científicos. Diante desse cenário, o presente relato compartilha a experiência de criação do curta-metragem documental *“Miss Bixe - Ultraviolência Queer”*, desenvolvido de forma independente por alunos da UNESP campus de Ilha Solteira, a partir de vivências universitárias, pesquisas acadêmicas e referências da teoria queer e cuir (Louro, 2004; Pelúcio, 2014; Butler, 2022), propondo o cinema como estratégia de divulgação científica (Bucchi, 1998; Bueno, 2010).

As situações de violência, exclusão e negociação cotidiana experimentadas por estudantes com identidades dissidentes, articuladas ao contato com produções teóricas, constituíram o ponto de partida para uma investigação estética. Entre essas referências, destaca-se *“Bash Back! Ultraviolência Queer”*, um livro manifesto de autorias múltiplas que expõe as ideologias do manifesto queer, contextualizando a história e a política que deu origem ao movimento. Os textos do livro fazem isso de forma crítica, ao expor as políticas de normalização dos corpos pelo sistema dominante hetero-patriarcal (Preciado, 2017; Butler, 2022), estes textos históricos foram produzidos pelas frentes revolucionárias que geraram grande impacto e transformações sócio-culturais a partir da perspectiva anarco-queer. A expressão *“Bash Back! Ultraviolência Queer”* foi emprestada para o título *“Miss Bixe - Ultraviolência Queer”* não por acaso. Esta escolha orienta parte significativa das narrativas e visuais do curta, *“Bash Back”* é uma expressão do inglês que significa “Bater de Volta”, revidar a violência. Esse termo foi usado por queers anarquistas para nomear uma proposta de propagação de práticas libertárias e ações diretas de levantes descentralizados, compostos por táticas múltiplas de antiopressão e antiassimilação

¹ LAPEISA (Laboratório de Paleontologia e Evolução de Ilha Solteira), Unesp.
euler.meneghin@unesp.br

² Mestrando em comunicação, PPGCom, Unesp. otavio.uzumaki@unesp.br



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



(Bash Back, 2020), a expressão pode ser interpretada como uma analogia ao movimento de transformação e ocupação de um espaço que produzia violências à comunidade Queer, cenário este que foi retratado no curta.

A experiência buscou deslocar esses debates acadêmicos por meio de sua tradução intersemiótica para a linguagem cinematográfica (Plaza, 2003), inserindo-se em um processo mais amplo de circulação social e cultural do conhecimento científico (Vogt, 2003). O resultado também evidenciou que a linguagem audiovisual possibilita formas particulares de circulação do conhecimento. Dar vida às narrativas sob a luz de referenciais acadêmicos, aproxima-se das perspectivas da investigação-criação, compreendendo a prática artística como forma legítima de investigação e produção de conhecimento (Delgado *et al.*, 2015).

A partir destes estudos, foram criados textos de apoio que nortearam a construção do roteiro, decupagem e a sequência de perguntas que direcionaram as entrevistas presentes no curta. A obra buscou comunicar vivências que existem para além da norma, perceber e imaginar outras possibilidades de existência e auxiliar na familiarização e compreensão de termos como “Queer”, que muitas vezes não fazem sentido para o público geral. Ao longo de quatro meses de filmagens envolvendo estudantes, artistas e membros da comunidade, foram entrevistadas dez pessoas. Após o processo de curadoria, foram selecionados os trechos que compuseram a versão final do documentário.

Nesse aspecto, aproxima-se da compreensão de que os regimes de representação produzem realidades sociais e disputam modos de inteligibilidade dos corpos dissidentes. Ao assumir uma estética inspirada na radicalidade política de “*Bash Back! Ultraviolência Queer*”, o filme propõe imagens que recusam narrativas assimilacionistas e limitantes, reivindicando a potência da diferença como forma de existência e de produção de conhecimento. Além de buscar facilitar a recepção e interpretação da linguagem e conceitos acadêmicos, a livre circulação e disponibilização gratuita do curta em sites e redes sociais facilita o acesso à obra, fortalecendo o pilar de “extensão” do ensino das universidades públicas.

A experiência de construção do curta demonstra que o cinema independente pode constituir uma potente estratégia de divulgação científica e cultural ao converter pesquisas, referências teóricas e experiências universitárias em narrativas audiovisuais. O relato acerca da produção e toda a investigação teórica que foram necessárias para a construção do filme, reforça a relação positiva entre teoria e prática, investigado e investigador, ciência e a arte como recurso da divulgação científica (Burns *et al.*, 2003).

Ao ser exibido em salas de cinema públicas e festivais nacionais, o curta ampliou a circulação social do conhecimento produzido no ambiente universitário, promovendo reflexões e debates sobre gênero, sexualidade e teoria queer para além dos espaços tradicionalmente ocupados pela produção científica. Dessa forma, a experiência do Miss Bixe reafirma o cinema não apenas como linguagem artística, mas também como um dispositivo de mediação entre universidade e sociedade, capaz



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



de democratizar o acesso ao conhecimento e fomentar o diálogo crítico sobre temas contemporâneos.

Palavras-chave: Cinema; Teoria-Queer; Investigação-Criação;

REFERÊNCIAS

BASH BACK! *Ultraviolência queer: antologia de ensaios*. Tradução de Beatriz Regina Barboza, Emanuela Carla Siqueira e Julia do Nascimento. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2020.

BUCCHI, Massimiano. *Science and the media: alternative routes in scientific communication*. London: Routledge, 1998.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1-12, 2010.

BURNS, Terry W.; O'CONNOR, D. John; STOCKLMAYER, Susan M. Science communication: a contemporary definition. *Public Understanding of Science*, Thousand Oaks, v. 12, n. 2, p. 183-202, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/09636625030122004>.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

DELGADO, Tania Catalina; BELTRÁN-LUENGAS, Elsa María; BALLESTEROS, Melissa; SALCEDO OBREGÓN, Juan Pablo. La investigación-creación como escenario de convergencia entre modos de generación de conocimiento. *Iconofacto*, Medellín, v. 11, n. 17, p. 10-28, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.18566/iconofac.v11n17.a01>.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 68-91, maio/out. 2014.

PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. *ComCiência*, Campinas, n. 45, jul. 2003. Disponível em:



<https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 22 jul. 2026.